

DÍVIDA EXTERNA

17 JUL 1990

Collor diz que País é empresa que quebrou

Presidente pede que os parceiros olhem o Brasil com olhos diferentes do passado

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — O presidente Fernando Collor afirmou, numa entrevista ao **New York Times**, que os bancos credores deveriam tratar o Brasil como uma empresa que quebrou, trocou de administração e já começou a trabalhar para recuperar a confiança de seus parceiros na comunidade internacional. Eles devem ver o País “como Brasil Inc., uma companhia que quebrou. A reunião dos acionistas afastou a velha diretoria por incompetência”, disse o presidente, referindo-se às eleições presidenciais do ano passado.

“Em 120 dias, a nova diretoria tomou uma série de medidas para reerguer o negócio Brasil Inc. Os bancos credores não podem olhar a direção desse novo negócio com os mesmos olhos do passado — nós queremos ser bons parceiros, merecedores de crédito”, disse Collor ao correspondente do **Times** no Rio de Janeiro, James Brooke.

Na entrevista, que coincidiu com o início das negociações na frente financeira externa (o secretário especial para assuntos econômicos, Antônio Kandir, é esperado nesta quinta-feira em Washington para iniciar entendimentos com o Fundo Monetário Internacional), o presidente elogiou como “muito importante” a iniciativa que o presidente George Bush anunciou recentemente para a América Latina. “Minha leitura da iniciativa de Bush é que ela é um sinal para a América Latina. Ele está dizendo:

‘olhe, apesar dos eventos na Europa do Leste não nos esqueçamos do nosso compromisso com a América Latina’”.

A imagem usada pelo presidente em seu recado aos bancos lembra a tese que o economista Jeffrey Sachs, de Harvard, defendeu em inúmeros seminários e depoimentos no Congresso sobre a dívida, entre 1987 e 1989. “Os governos dos países industrializados e os bancos credores deveriam tratar os países endividados da mesma forma como tratam as empresas que pedem concordata sob o capítulo 11 da Lei de Falências dos EUA”, costumava dizer Sachs, que nunca contou com a simpatia dos bancos e hoje se dedica exclusivamente à Polônia e às economistas do Leste Europeu.

As declarações do presidente não suscitaram maiores repercussões entre executivos de grandes bancos credores, em Nova York. Sintomaticamente, a frase da reportagem do **Times** que despertou maior interesse foi uma declaração da quinta-feira passada, atribuída à ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, prevendo que as negociações “serão muito duras”. “Há duas pistolas carregadas, uma apontada para a outra”, disse Zélia.

A declaração foi tomada em alguns bancos credores americanos como sinal de uma disposição à confrontação. Em outros, preferiu-se encará-la como um lance normal do jogo de cena. A ministra da Economia, que partiu no fim de semana para vender o programa econômico a credores oficiais e privados, medirá pessoalmente a disposição dos credores do outro lado do Atlântico em relação à nova administração.